

2ª Edição

por um **MUNDO MELHOR!**

A educação para a paz como caminho da infância



INSTITUTO
MUNDO
MELHOR

UEPG



www.institutomm.com.br

INFÂNCIA

O Infância Mundo Melhor investe na capacitação e na formação continuada dos educadores de centros de educação infantil, escolas municipais e entidades sociais em Ponta Grossa e outros doze municípios da região dos Campos Gerais. O projeto funciona através de encontros presenciais e ensino à distância no Ambiente Virtual de Aprendizagem Mundo Melhor.

Em 2014, acontece a consolidação do projeto através dos Polos de Educação nos municípios de Palmeira, Reserva e União da Vitória, este último agregando mais cinco cidades.

A temática educação para a paz surge da demanda das questões relacionadas às convivências, à prevenção de violências e do processo de requalificação dos valores humanos na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e nas relações humanas.



Trazemos nessa 2ª edição da cartilha 'POR UM MUNDO MELHOR: A educação para a paz como caminho da infância', - em parceria com o Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NEP/UEPG) -, os aspectos, princípios e vivências da Educação para a Paz entendendo que o fortalecimento dessas práticas colaboram na convivência pacífica de todos os profissionais envolvidos.

Boa Leitura!

SUMÁRIO

- 4** INTRODUÇÃO
- 5** CULTURA PARA A PAZ: ASPECTOS BÁSICOS
- 6** MANIFESTO 2000
- 8** EDUCAÇÃO PARA A PAZ: PRINCÍPIOS E OBJETIVOS
- 9** PRINCÍPIOS
- 10** OBJETIVOS
- 11** EDUCAÇÃO EM VALORES: VIVÊNCIAS INDISPENSÁVEIS
- 12** EDUCAR EM VALORES
- 15** BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO



“processo pelo qual se promovam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos a prevenir a violência (tanto em sua manifestação direta, como em sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que induzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupar; nacional e/ou internacional)”.

O objetivo desta cartilha consiste em apresentar alguns conceitos importantes para refletir e estabelecer práticas para uma educação para a paz.

Educar para a paz vai além da simples transferência de conhecimentos. educação para a paz, para ser vivida, tem de ser construída, dia a dia, nos pequenos atos, de onde brotam as grandes transformações. Paz é para ser realizada, não só idealizada. A paz se faz, não é dada.

Sabemos que a cada dia a cultura molda nossas ideias e pauta nossas atitudes. Para construir uma cultura de paz precisamos, portanto, de uma nova configuração de pensar e agir. Precisamos de uma mudança em nossos padrões mentais e, por consequência, em nossas ações.

Segundo Diskin e Roizman (2008), a educação para a paz deve ser um

A educação para a paz deve estar presente nas escolas e fazer parte do nosso dia a dia, independente da idade. Ela precisa estar nos meios de comunicação, nas relações pessoais, na organização das instituições e no meio da família sempre visando a construção ou o fortalecimento das boas convivências.

Não nos cabe mais somente o questionamento se somos a favor da paz, pois quem não é? Devemos nos perguntar, a cada dia, se repudiamos as violências físicas, psicológicas, de gênero, contra a infância, contra os direitos humanos ou contra o meio ambiente.

“A educação para a paz está no entendimento das violências, na busca da compreensão das mesmas, na clareza dos conflitos geradores e com o processo pedagógico de mediação desses, culminando com a não violência ou dito de outra forma, com convivências pacíficas.” (Salles Filho, 2009)

Uma cultura de paz só se faz com uma educação para a paz!

CULTURA PARA A PAZ: ASPECTOS BÁSICOS

Para vivenciarmos em uma cultura de paz, precisamos aprender a repudiar qualquer forma de violência, especialmente a cotidiana, e promover os princípios de liberdade e justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular a compreensão entre os povos e as pessoas. (Milani, 2003)

Vivemos em uma cultura de violência e isso é uma construção histórica, porém ao unirmos forças em prol da não violência, somos capazes de construir uma cultura de paz.

O 'Manifesto 2000 por uma cultura de paz e não violência' foi esboçado por um grupo de laureados do prêmio Nobel da Paz. Milhões de pessoas em todo o mundo assinaram esse manifesto e se comprometeram a cumprir os seis pontos:

Respeitar a vida
Ouvir para compreender

Rejeitar a violência
Preservar o planeta

Ser generoso
Redescobrir a solidariedade

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2001 a 2010 a 'Década internacional da cultura de paz e não violência para as crianças do mundo'.

De acordo com isso, a responsabilidade individual com a paz e os valores humanos devem se tornar uma cultura de não violência, onde as atitudes sejam mais tolerantes, solidárias e generosas. A ideia é que todos possam se envolver, tanto em suas famílias como em seu bairro, cidade, região e país.





1) Respeitar a vida

Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito. Essa é a primeira discussão que o 'Manifesto 2000 para uma cultura de paz' traz como compromisso.

Será que somos capazes de fazer algo para construir um mundo mais justo, mais cooperativo? As desigualdades e injustiças são tantas que, acaba sendo mais cômodo nos sentirmos apenas revoltados e nada fazemos. Mas, de alguma maneira, precisamos aprender que a paz está em nossas mãos e a sociedade do futuro depende de nós! Com isso, cabe a cada um de nós contribuirmos e cuidarmos da vida, em seu aspecto pessoal, social e planetário.

2) Rejeitar a violência

Praticar a não violência ativa, rejeitando a violência física, sexual, psicológica, econômica ou social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes. Lembrando que como Mahatma Gandhi afirmava, "o primeiro princípio da ação não violenta é a não cooperação com tudo que é humilhante, tudo que desagrada, tudo que machuca."

Sabemos que não é fácil dominar a própria violência, até porque muitas vezes não é fácil reconhecer que somos violentos; seja em pensamentos, gestos ou omissões. Como nos assegura Diskin e Roizman (2008), sempre encontramos boas justificativas para nossas atitudes. "Você foi injusto comigo", "invadiu meu espaço", "me traiu". Essas são queixas que temos dos outros e os outros de nós. Se compreendermos isso, se aceitarmos que nem sempre estamos com a razão, faremos cobranças (aos outros e a nós mesmos) mais justas e mais humanas.

3) Ser generoso

"Ninguém é tão pobre que não tenha algo para dar; ninguém é tão rico que possa dispensar um sorriso amistoso."

Compartilhar tempo e recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica.

Quando falamos de generosidade sabemos que não é um direito, também não é um dever, tampouco é regida por leis. Generosidade é obra da grandeza de caráter, um valor que nos humaniza e nos faz ver que, no essencial, somos todos semelhantes.

Uma característica importante da generosidade é essa singeleza que dispensa qualquer tipo de recompensa, que se satisfaz em si mesma.

4) Ouvir para compreender

"Em um diálogo não há a tentativa de fazer prevalecer um ponto de vista particular, mas a de ampliar a compreensão de todos os envolvidos." (David Bohm)

Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, à difamação e à rejeição do outro, essa é a quarta proposta do Manifesto 2000.

Dessa forma, compreendemos que comunicar, transmitir vivências e habilidades é uma característica da condição humana; o que permite a cada geração apresentar novos desafios. A arrogância originada da percepção estreita das coisas deu origem a atrocidades e barbáries como a escravidão e a exploração. Hoje continua com inúmeras violências.

5) Preservar o planeta

Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta.

O desafio de todos nós no século XXI é conseguirmos avançar em termos éticos e sociais, e não somente preservarmos a natureza e ajudarmos a salvar o planeta. Isto não se trata de uma tarefa ingênua, mas viável se cada um de nós fizermos a nossa parte. Vamos nos conscientizar e agir!

6) Redescobrir a solidariedade

A sexta sugestão está relacionada com a necessidade de contribuir para o desenvolvimento da comunidade, com a ampla participação da mulher e com o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade.

Segundo Diskin e Roizman (2008), "a solidariedade nos deixa longe da angústia, do isolamento, e nos transporta para o aconchego do convívio: o chocolate quente compartilhado nas noites de inverno, o acalento da mãe ao choro da criança, o abraço amigo na perda de um ente querido. A solidariedade é a magia que nos faz pertencer a uma sociedade e não a uma multidão de vidas desagregadas. Queiramos ou não, temos os mesmos interesses, traçamos em conjunto a mesma história. A solidariedade é, também, o alicerce que nos sustenta para enfrentar os conflitos que sempre fizeram parte da vida."



EDUCAÇÃO PARA A PAZ: PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

A educação para a paz é fundamental para resolver conflitos de forma madura e saudável, visto que eles fazem parte do cotidiano de todas as pessoas, em todos os tempos e lugares. É uma oportunidade de desenvolvermos conceitos positivos nas partes envolvidas, através da compreensão do ponto de vista do outro.

É também uma oportunidade de darmos suporte emocional aos envolvidos, demonstrando o valor da confiança nas pessoas e nos processos que levam à paz.

A educação para a paz está, em sua essência, comprometida com um futuro de bem-estar para a humanidade, e com o meio ambiente. Não se pode mudar os erros do passado, mas podemos construir um futuro saudável, tão cheio de criatividade quanto a própria vida. E, talvez, a descoberta mais valiosa a ser feita pelo ser humano.

Podemos dizer que cultura de paz é uma mudança de comportamento social e cultural amplo, que demanda anos, décadas. Já educação para a paz é o processo pedagógico do agora, nas escolas do presente, que contribui justamente para a difusão, reflexão e desenvolvimento dessa cultura de paz!

Para o educador espanhol José Díaz de Cerio, alguns princípios servem para refletir a educação para a paz nas escolas. São eles:

PRINCÍPIOS

a) Cultivar valores: a intenção é cultivar valores como justiça, cooperação, solidariedade, desenvolvimento da autonomia pessoal para a tomada de decisões e, ao mesmo tempo, questionar os valores antiéticos da cultura da paz como a discriminação, intolerância, obediência cega, indiferença e conformismo.

b) Aprender a viver com os demais: A educação para a paz é um processo contínuo e permanente de desenvolvimento da personalidade, baseado em uma forma positiva de aprender a viver consigo mesmo e com os outros na não violência e na criação de espaços de justiça, respeito e harmonia (baseado em González Lucini, F., 1993).

c) Facilitar experiências e vivências da paz: Educar para a paz é facilitar experiências e vivências da paz no ambiente escolar. Requer potencializar relações de paz entre todos que compõe a comunidade escolar. A organização democrática da aula de acordo com a capacidade dos alunos e sua participação no contexto escolar, facilita a resolução não violenta dos conflitos, a partir de um clima que provoque atitudes de confiança, igualdade, justiça, solidariedade e liberdade (baseado em González Lucini, F., 1993).

d) Educar na resolução de conflitos: É necessário incluir uma educação para o conflito, estimulando a utilização de formas de resolução não violenta dos conflitos, desenvolvendo a competência pessoal e coletiva sempre com respeito às pessoas e, especialmente, o respeito à dignidade e aos direitos dos mais vulneráveis.

e) Desenvolver o pensamento crítico: Educadores devem perder o medo de manifestar seus pontos de vista e suas ideias diante dos problemas humanos mundiais, criticando o que for injusto.

f) Combater a violência nos meios de comunicação: Combater a violência visível e manifesta nos espetáculos: cinema, televisão, quadrinhos, internet e em todas as formas de comunicação em mídias. Para Campos (1993), combater esse tipo de violência requer, sobretudo, criticá-los, contribuir e criar uma opinião contrária a determinados programas ou enfoques das mídias.

g) Educar para a tolerância e a diversidade: Educar para a paz é educar para a internacionalização, tolerância e diversidade. Nesse sentido, deve-se observar e tomar cuidado em relação a fanatismos e radicalismos de toda a ordem, pois são causas de violência. As identidades culturais são válidas, positivas e atuam como fonte de crescimento; não como exclusão e violências.

h) Educar para o diálogo e argumentação racional: As violências são ligadas à linguagem, ao diálogo e à argumentação. O sistema educativo, com ênfase técnica e menos humanista, não contribui para formar pessoas capazes de resolver suas diferenças fazendo uso da palavra e, em consequência, da reflexão e do pensamento mais elaborado.

OBJETIVOS

1- Descobrir, sentir, valorizar e viver com esperança as capacidades pessoais como realidades e como meios eficazes que podemos pôr a serviço dos demais e que podem contribuir para um desenvolvimento positivo e harmônico da vida e do humanismo.

2- Reconhecer e valorizar a própria agressividade como uma forma positiva de autoafirmação da personalidade e ser capaz de canalizá-la, permanentemente, em condutas e atividades que promovam e favoreçam o bem comum.

3- Desenvolver a sensibilidade, a afetividade, a ternura, o descobrimento e o encontro com as pessoas que nos rodeiam, tanto em um nível mais próximo, como em um nível mais universal.

4- Sentir a alegria que se produz do encontro interpessoal quando esse se desenvolve em um clima de afetividade, de confiança, de respeito de colaboração e de ajuda mútua.

5- Construir e potencializar as relações de diálogo, de paz e harmonia no âmbito escolar e em todas as nossas relações cotidianas.

6- Reconhecer e tomar consciência das situações de conflito que se apresentam, descobrindo e refletindo sobre suas causas e sendo capaz de tomar decisões frente a elas para solucioná-las de uma forma criativa fraterna e não violenta.

7- Desenvolver a atenção e o interesse ante a diversidade das pessoas e das culturas dos povos, reconhecendo e potencializando essa diversidade como

um grande valor. Entender, respeitar e discutir a diversidade em todas as formas, com uma atitude aberta, respeitosa, tolerante e construtiva.

8- Promover o conhecimento da autoestima, o conhecimento de outras realidades sociais, culturais e pessoais, colaborando na autoafirmação da identidade pessoal/social, no desenvolvimento e no enriquecimento dos povos.

9- Conhecer e potencializar os direitos humanos e desenvolver a sensibilidade, a solidariedade e o compromisso frente às situações próximas e distantes, além de estar atento em relação a elas.

10- Mostrar especial atenção e sensibilidade frente às situações de violências, injustiças e subdesenvolvimento que existem no planeta.

11- Conhecer e colaborar ativamente com as organizações governamentais e não-governamentais que se comprometem na luta contra a miséria e a injustiça, especialmente com o desenvolvimento dos povos e das pessoas menos favorecidas.



VIVÊNCIAS INDISPENSÁVEIS

“A educação deve preparar a criança para uma vida adulta ativa numa sociedade livre e promover o respeito pelos pais, pela própria identidade cultural, pela língua e pelos valores e por outras culturas e outros valores.” (Resumo da Convenção sobre os Direitos das Crianças. Artigo 29. UNICEF).

De modo geral, podemos afirmar que há um permanente vazio de valores nas relações sociais. Os valores humanos podem ser entendidos como os princípios pelos quais escolhemos basear nosso comportamento nas situações cotidianas. Tais princípios podem gerar situações positivas ou negativas, dependendo dos valores que optamos. Muitas vezes, as pessoas são conscientes de seus valores e podem afirmá-los, discuti-los e relativizá-los, mantendo-os ou recriando-os, buscando serem melhores enquanto seres individuais e sociais. Essas atitudes promovem as aproximações e a construção de bons caminhos.

Outras vezes, as pessoas nunca pararam para pensar exatamente quais são os valores que as guiam em seu comportamento. Nesse caso, não têm clareza de suas tomadas de decisão e podem ser enganadas mais facilmente ou se tornarem violentas por não aceitarem os valores dos outros. Para os educadores Xus Martín García e Josep Maria Puig (2010), podemos ser protagonistas no ensino de valores através de sete competências básicas:



1. Ser você mesmo: exercitar o autoconhecimento e diferenciar os próprios valores entre positivos e negativos perante as situações da vida e da sociedade. Seria integrar as experiências biográficas na projeção de nosso futuro.

2. Reconhecer o outro: criar vínculos afetivos com os outros, além do acolhimento e aceitação das diferenças. É fundamental perceber a força das relações interpessoais no processo educativo!

3. Facilitar o diálogo: as convivências humanas são transpassadas pelas palavras, pelos gestos e pela linguagem. O diálogo é elemento básico no favorecimento das relações. Facilitá-lo é reconhecer a importância dos grupos, da busca de elementos comuns e positivos para a coletividade.

4. Regular a participação: incentivar a participação ativa dos alunos nos processos de construção de vínculos positivos. Participar é valorizar o grupo e se comprometer com todos.

5. Trabalhar em equipe: ter propostas claras para o trabalho em equipe e para incluir pessoas dentro de seus potenciais colaborativos. Ter coerência e respeito às diferenças é o aspecto básico para o trabalho coletivo.

6. Fazer escola: fazer uma escola melhor através do desenvolvimento da autonomia, diálogo, cooperação e com o entendimento de comunidade, inclusive com a participação expressiva das famílias.

7. Trabalhar em rede: uma escola conectada com seu entorno, com a cidade e com o mundo. Aprender o valor das redes, tanto nos relacionamentos presenciais como com a utilização da internet como fonte ilimitada de ações positivas e solidárias.

Os educadores estão cada vez mais sendo solicitados a abordar problemas que surgem em suas comunidades escolares.

Conforme relata a Comissão da UNESCO, presidida por Jacques Delors em 2004, "ao se confrontar com muitos desafios que o futuro nos reserva, a humanidade vê na educação um auxílio indispensável em sua tentativa de atingir os ideais de paz, liberdade e justiça. A Comissão afirma sua crença de que a educação tem um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e social, não como uma cura milagrosa ou mágica, mas como um dos principais meios disponíveis para promover uma forma mais profunda e mais harmoniosa de desenvolvimento humano e assim ajudar na redução da pobreza, discriminação, a ignorância, a opressão e a guerras (e outras formas de violência)." (Relatório da UNESCO, 2004 – Educação para o séc. XXI).

MEDIAÇÃO DE CONFLITO: CAMINHO ARTICULADOR ENTRE VIOLÊNCIAS E PAZ

Diferente do que muitos de nós pensamos, os conflitos não são brigas ou violências, embora algumas vezes tenhamos essa ideia. Conflitos são

situações nas quais as pessoas ou grupos sociais, buscam ou percebem metas opostas, afirmam valores antagônicos ou têm interesses divergentes, ou seja, conflitos são momentos de incompatibilidade, choque de interesse entre pessoas ou grupos, seja nas situações pessoais ou coletivas. (Jares, 2002)

Na educação para a paz, a resolução de conflitos é valorizada por ser um momento onde os valores, o diálogo e o entendimento são fundamentais para não criar situações violentas. Sabemos que quando os conflitos não são solucionados existe uma possibilidade muito grande da violência ocorrer.

Em toda situação de conflito, temos sempre as causas, os protagonistas o processo e o contexto onde as situações ocorreram, isso contribui para pensar pedagogicamente em como estabelecer a mediação dos conflitos existentes. (Tríade do Conflito)

O que podemos observar com a figura é que o conflito é inerente ao ser humano, todos nós, de alguma forma, passamos por conflitos no decorrer de nossas vidas.

O que nos preocupa é a violência que surge quando o conflito não é tratado adequadamente, não existe diálogo, as pessoas não se entendem e começam a se agredir com palavras ou gestos. De maneira complementar, compreende-se também que a intolerância e o desrespeito são os caminhos para que os conflitos se transformem em violências.

Já a paz (não violência) é decorrente de processos onde os conflitos são mediados, sejam pelos pais em casa ou pelos professores nas escolas, através dos projetos de educação para a paz. Dessa forma, o que gera a violência não são os conflitos, mas sim a não resolução pacífica da ideia contrária.



Os conflitos mediados nas escolas requerem dos educadores algumas habilidades de comunicação construtiva como escuta ativa, pensar antes de falar, combater linguagem preconceituosa, não fazer comparações, ser claro, superar ressentimentos, assumir responsabilidade, construir empatia e, especialmente, ser tolerante e ético.

Podemos entender o conflito de forma positiva, quando se busca o diálogo como elemento primordial de mediação. Essa concepção positiva do conflito, como um desafio, faz com que a perspectiva de uma educação para a paz seja mais concreta, pois as ações pedagógicas não surgem de algum ideal pela paz, mas de situações cotidianas da escola, das relações de convivência dos alunos, com tensões, diferenças, conflitos e o compromisso de buscar pontes comuns, solidárias, generosas e humanizadoras.

PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Essa segunda década do século XXI nos faz escolher entre realmente tomarmos posição a favor da paz, de uma educação para a paz que eduque para as convivências positivas, ou deixarmos que a violência entre as pessoas se torne cada vez maior e destrua as relações humanas.

Dessa forma, optamos em falar de cultura de paz, educação para a paz, educação em valores e mediação de conflitos, para que nós, educadoras e educadores, façamos desses temas realidades nas escolas.

Sobre essas perspectivas podemos acrescentar que “a busca da paz constitui uma tarefa seguramente inacabável, por isso, deve-se estabelecer um ambiente interno e externo, onde se resolvam os conflitos de forma construtiva e não violenta, responsável e justa. Destarte, faz-se necessária a busca de resolução de conflitos de maneira criativa e positiva. (ALENCAR; ALMEIDA, 2011, p. 242)

Não existe mais tempo para continuarmos reclamando da violência que cresce na sociedade e nas escolas. Precisamos sim, tornar a educação para a paz um objetivo e uma meta na educação escolar.



CULTURA DE PAZ SE FAZ COM EDUCAÇÃO PARA A PAZ!



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sinara Mota Neves; ALENCAR, Maristela Lage. O adolescente e a Cultura de Paz. In: MATOS, Kelma; NONATO JÚNIOR, Raimundo (orgs.) Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade II. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CERIO, José Luis Zurbano Díaz. Bases de una Educación para la Paz y la Convivencia. Edita: Gobierno de Navarra. Departamento de Educación y Cultura. I.S.B.N.: 84-235-1799-3 GOBIERNO DE NAVARRA. Departamento de Educación y Cultura.

CAMPS, Victoria. Los valores de la educación, Madrid, Alauda, 1993.

DELORS, Jacques. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 9ª edição São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2004.

DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio; Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas; Coleção abrindo espaços: educação e cultura para a paz; 2008, UNESCO Office Brasília; Fundação Vale (Brazil); Palas Athena Association (Brazil).

GARCÍA, Xus Martín; PUIG, Josep Maria. As Sete Competências Básicas para Educar em Valores. São Paulo: Summus, 2010.

JARES, Xesús R. Educação para a paz: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MILANI, Feizi Masrour. Cultura de Paz X violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, F.M; JESUS, R.D.P. Cultura da Paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

SALLES FILHO, Nei Alberto. Paulo Freire E Educação Para A Paz: O Mesmo Sentido. EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba: PUCPR, 2009.



INSTITUTO
MUNDO
MELHOR

Uma empresa social do



www.institutomm.com.br